



O MACAQUEIRO

Informativo do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - Tefé - Amazonas - Brasil

O MACAQUEIRO - Abril, Maio, Junho/2001

Ano III - Nº 10

Nosso Recado

E veio a enchente, e como todos os anos é aquela correria para tirar a roça, senão alaga, para fazer a maromba para as crianças, e para fazer a horta flutuante. No entanto, com o rio perto, carregar água fica mais fácil. De repente: a água está baixando em Tabatinga! Avisa o programa Ligado no Mamirauá. É hora de começar tudo de novo.

Na seca, se aproveita a várzea, as praias, as lamas para plantar feijão, como foi feito ano passado no setor Horizonte. A produção enriquece a alimentação e aumenta a renda familiar.

Também aparecem os lagos, alguns deles com muitos peixes, e as praias com sua produção de aves e quelônios, mostrando os resultados de um trabalho iniciado há onze anos.

As pesquisas se expandiram para outros setores, produzindo mais conhecimentos sobre as espécies e fornecendo dados para a utilização sustentável dos recursos naturais.

Moradores do Jarauá até já viajaram para fora do Brasil para contar como é o trabalho por aqui e voltaram trazendo experiências de áreas diferentes

Nesse time estão também os companheiros da vizinha Reserva Amanã que, depois de três anos, já percebem os primeiros resultados.

Cientes de que cada um fazendo a sua parte, a mãe natureza também fará a sua, e retribuirá todo o esforço feito para mantê-la equilibrada.

Foto: J. Wilson



Sr. Dilau apresentando a Comunidade de S. João

I ENCONTRO DE AGRICULTORES DO SETOR HORIZONTE

Em abril, aconteceu o primeiro Encontro de Agricultores e Agricultoras Familiares do Setor Horizonte, na comunidade de Aiucá, com 48

participantes, sendo três deles da Reserva Amanã. Fizeram-se presentes também, os secretários de Produção e de Meio Ambiente do Município de Uarini, o chefe do IDAM-Tefé, e representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tefé, da Casa do Agricultor e da Juruá Motos.

Foram discutidos problemas e levantadas propostas para a agricultura no setor. Parcerias firmadas nesse encontro estão dando um ânimo maior aos agricultores no planejamento e preparo do plantio deste ano.

SEMANA DO MEIO AMBIENTE EM TEFÉ



Na Semana do Meio Ambiente, o Instituto Mamirauá realizou palestras para cerca de 700 alunos de 5ª a 8ª série e de 2º grau, das escolas Armando Mendes (GM3), Gilberto Mestrinho, Frei André e São José, em Tefé. Entre os assuntos tratados, alunos e professores puderam fazer perguntas sobre o Instituto Mamirauá, Manejo de Pirarucus, Extensão Ecológica, Ecoturismo, entre outros.

Através de uma parceria com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e com o comércio local, realizou-se, no dia oito de junho, a II Gincana do Meio Ambiente com a participação de cinco equipes: Ariranhas, Uacari Branco, Unidade Leopardo, Aruanãs, e Gavião Real. A equipe Uacari Branco da Escola São José sagrou-se bicampeã e, além de troféu e medalhas, ganhou uma viagem para passar um final de semana como ecoturista no Lodge Uacari, na Reserva.

Foto: João Valsecchi



Equipe Uacari Branco da Escola São José Bicampeã da II Gincana do Meio Ambiente



NESTA EDIÇÃO:



PESQUISA DE TAMBAQUI NO ARANAPU



TRÊS ANOS DE RESERVA AMANÃ



TARTARUGA-DA-AMAZÔNIA, UM GIGANTE EM EXTINÇÃO



PESCADORES DO MAMIRAUÁ ENSINAM GUYANESES A CONTAR PIRARUCUS



O MACAQUEIRO

Esta é uma publicação trimestral do Instituto Mamirauá.

Equipe responsável: Ronnei Costa, Andréa Pires e Isabel Soares de Sousa.

Colaboram nesta edição: J. Wilson Silva, Jomber Iñuma, Michel Catarino, Niele Peralta, Edila Moura, Augusto Teran e Leandro Castelo

Digitação, diagramação e ilustração: Ronnei Costa

Revisão final: Edila Moura

Impressão: Grafisa

Travessa Djalma Dutra, 403 - CEP 66.113 - 010, Belém, PA

Tiragem: 3.000 exemplares

Correspondências: Instituto Mamirauá - Av. Brasil, 197, Juruá

Fone: 0 XX 92 343 4672 - Fax: 0 XX 92 343 2736

Caixa Postal 38 - CEP 69.470-000, Tefé, Amazonas, Brasil

e-mail: macaq@pop-tefe.mp.br

Home page: www.pop-tefe.mp.br

PRÁTICAS DE MANEJO TRADICIONAIS DE PLANTIO DE FEIJÃO EM PRAIAS

Feijão de praia (*Phaseolus sp.*) é uma cultura de rápida produção, adaptada às áreas de várzea, que vem sendo cultivada há bastante tempo na bacia amazônica. Na Reserva Mamirauá, desde 1994, o programa de agricultura tem incentivado o seu plantio e, como resultado dessa experiência, cinco variedades (manteiguinha, manteigão, amendoim, 40 dias e leite) são cultivadas. As espécies leite, 40 dias e manteiguinha foram as que mais produziram.

Os objetivos de trabalhar com estas variedades são complementar a dieta alimentar, e vender o excedente para aumentar a renda familiar. O êxito deste trabalho deve-se à experiência dos comunitários e a suas práticas tradicionais,

como: escolha de sementes e terreno, cuidados com o plantio, colheita e armazenamento.

Produtores do Setor Horizonte dão dicas de como se obter bons resultados com o plantio de feijão nas praias:

Praia limpa: "... quando não está muito ocupada por mato e capim. Isto é muito importante, pois são nesses capins que os ratos se escondem e se protegem do sol. Plantar em uma praia limpa significa proteger o feijão dos ratos" (D. Ceci - Aiucá).

Praia alta: "... deve-se procurar as áreas mais altas da praia e mais afastadas do rio para proteger a plantação dos repiquetes" (Sr. Minerval - Marirana).

Espaçamento: "... as covas devem ser bem espaçadas para que as ramas do feijão possam espalhar-se bem pela área e se desenvolver melhor" (D. Alcilene e Sr. Raimundo - Marirana).

Número de sementes por cova: "... é muito importante prestar atenção para a quantidade de sementes colocadas na cova, de quatro a dez é o ideal. Não é recomendado que se coloque mais sementes do que isso, pois pode causar competição entre os próprios pés de feijão, atrapalhando seu desenvolvimento e diminuindo a produção" (Sr. Bá - Marirana).



Foto: Fabiana S. Scarda

Plantio de feijão em praias - Setor Horizonte

Pesquisa

PESQUISA DE TAMBAQUI NO ARANAPU

O Tambaqui (*Colossoma macropomum*) é uma espécie de peixe distribuída amplamente na América do Sul. No Estado do Amazonas, é bastante apreciado na alimentação, e tem uma grande importância comercial.

Pescadores mais antigos contam que, no passado, era comum a captura de tambaquis grandes. A partir dos anos 80, o uso de malhadeiras, juntamente com a renovação e aumento da frota pesqueira, causaram uma diminuição dos estoques e do tamanho médio desses peixes.

O ciclo de vida dos tambaquis e sua alimentação variam de acordo com a idade. Quando jovens, são encontrados nos lagos de várzea, e, após completarem 5 anos, medem 55 centímetros, atingem a idade de reprodução e integram-se às populações que vivem nos rios. Dessa maneira, a várzea tem um papel fundamental na conservação dessa espécie, visto que o tambaqui depende dos lagos para seu crescimento e alimentação.

Na Reserva Mamirauá, no setor Aranapu/Barroso, está sendo realizado um estudo para se estimar a abundância da espécie, através do método de captura, marcação e recaptura. De outubro/2000 a fevereiro/2001, a equipe do biólogo Michel Catarino marcou 1.876 tambaquis em seis lagos do setor. O trabalho de campo é exaustivo, e a equipe, composta por oito a nove pessoas, na maioria comunitários, fica acampada na margem dos lagos por até dez dias. Além da pesquisa, é feito um trabalho de educação ambiental com as comunidades objetivando a elaboração de um plano de manejo de pesca para o uso sustentado do tambaqui.



Foto: Luiz C. Marigo

Tambaqui

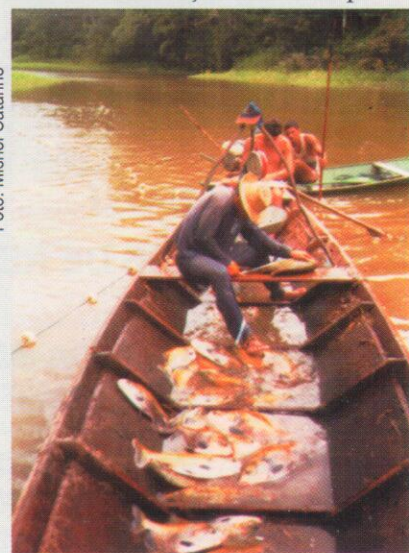


Foto: Michel Catarino

Captura e marcação de tambaqui



Foto: Luiz C. Marigo



Uacari-preto

TRÊS ANOS DE RESERVA AMANÃ

No final dos anos 70, o biólogo inglês Robin Best, à procura de um local adequado para suas pesquisas sobre o peixe-boi da Amazônia (*Trichechus inunguis*), revelou para a comunidade científica o Lago Amanã. Até o final de sua vida, em 1986, lutou pela preservação dessa área. Em 06 de agosto de 1998, com o Decreto Lei n.º 19.021, o Governador do Estado do Amazonas criou a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA), com uma área de 2.350.000 hectares e uma população de aproximadamente 4.000 moradores e usuários.

Abrange os municípios de Barcelos, Codajás, Coari e Maraã e, juntamente com a Reserva Mamirauá e o Parque Nacional do Jaú, forma o Corredor Ecológico da Amazônia Central. Foi a primeira Unidade de Conservação a adotar o modelo de Mamirauá, mantendo a população de moradores e, ao mesmo tempo, trabalhando pela preservação e o uso sustentado dos recursos naturais. Este ambiente, formado por ecossistemas de várzea e terra firme, é importante por ter espécies que só são encontradas nesse local, como é o caso do Uacari-preto (*Cacajao melanocephalus*), e também pela grande variedade de peixes, aves e outros animais silvestres.

Vista Aérea do Lago Amanã

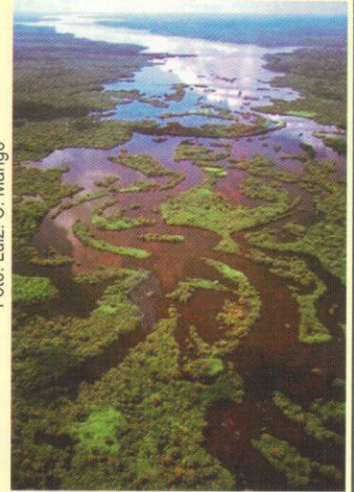


Foto: Luiz C. Marigo

Foto: Luiz C. Marigo



Equipe do Projeto em reuniões comunitárias

A equipe do Projeto Amanã é composta por extensionistas, pesquisadores e promotores comunitários. Atua em 21 comunidades dos setores Amanã, Coraci e São José, realizando reuniões, encontros e cursos, envolvendo a população local, com o objetivo de fortalecer a organização comunitária e divulgar as propostas do projeto. Em agosto deste ano, será realizada a I Assembléia Geral da Reserva Amanã nas comunidades de São João e Matuzalém, setor Coraci, com o objetivo de definir o zoneamento da área focal, planejar a fiscalização, e avaliar as atividades do projeto durante estes três anos.

EQUIPE DE SAÚDE FAZ ESTUDOS EM COMUNIDADES DO AMANÃ

Foto: Edila Moura



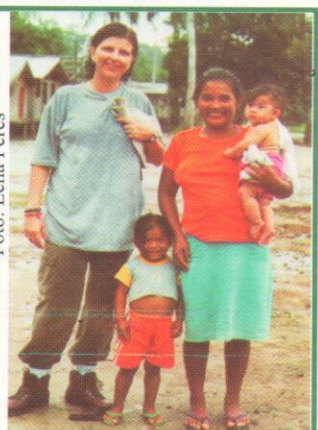
Dra. Lena Peres e equipe

Em abril foi realizada uma expedição às comunidades do Amanã para estudo sobre a saúde da população. Foi coordenada pela Dra. Lena Peres, acompanhada pelas Dras. Sonia Brucki e Elizabeth Ferreira, pela coordenadora do Núcleo de Saúde, Mercês Bezerra, e pelos agentes de saúde comunitários Maís Ribeiro, e Manoel Oliveira. Também participaram Edila Moura, coordenadora do Programa de Extensão e Pedro Leal, sociólogo do Amanã.

Foram visitadas as comunidades de Boa Esperança, Kalafate, Nova Jerusalém, Várzea Alegre, São José, Matuzalém, Nova Canaã, Iracema e São Paulo. Foi realizado exame clínico em 355 homens e mulheres, de todas as idades, e estudo da saúde da mulher com 83 mulheres. Os exames médicos indicaram que 137 (38,6%) já haviam tido malária. Em Boa Esperança e Kalafate esse número chega a quase 100%. O problema torna-se mais grave porque muitos não completam o tratamento por falta de orientação adequada. Outros problemas mais frequentes estão relacionados com verminoses, e dores articulares nos adultos. Também, muitos reclamaram de frequentes dores de cabeça, provavelmente, porque bebem pouca água durante as atividades sob o sol. No decorrer da viagem os agentes de saúde receberam algumas orientações para continuarem cuidando da saúde da população.

Maís e Manoel já estão em ação.

Foto: Lena Peres



Dra. Sonia em Nova Jerusalém

Foto: Elizabeth Ferreira



Exame em Nova Jerusalém

Foto: Lena Peres



Dra. Elizabeth em Iracema



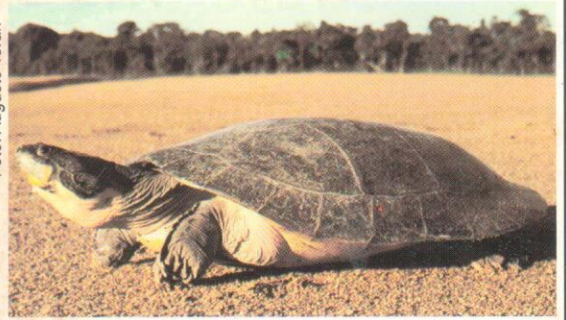
Pesquisa

TARTARUGA-DA-AMAZÔNIA, UM GIGANTE EM EXTINÇÃO

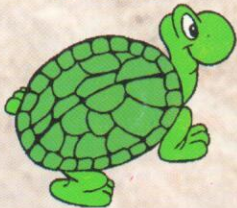
A Tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*) é o maior quelônio de água doce da América do Sul, podendo atingir 82 cm de comprimento de carapaça e pesar até 60 quilogramas. Henry Bates, um inglês que morou na vizinhança da Vila de Ega, hoje Tefé, entre 1848 e 1859, estimou, naquela época, que, aproximadamente, 48 milhões de ovos da Tartaruga-da-Amazônia eram extraídos, anualmente, da região do médio Solimões e do rio Madeira e exportados para o Pará. Isto é o equivalente à produção de 400 mil fêmeas da espécie.

Em 1999, os estudos do pesquisador Augusto Terán, na área focal da Reserva Mamirauá, registraram 42 ninhos de tartaruga, e no ano de 2000, apenas 37.

Foto: Augusto Terán



O Que devemos fazer para salvar da extinção a Tartaruga-da-Amazônia?



- Preservar os tabuleiros de desova.
- Não capturar tartarugas na Reserva Mamirauá durante os próximos 40 anos.
- Transplantar para as praias preservadas os ovos depositados em locais não protegidos.
- Na época do repiquete, transportar os ninhos para os locais mais altos das praias.
- Evitar o consumo de tartaruga-da-amazônia e de seus ovos.

Como participar dos trabalhos de preservação?

- 😊 Informar-se no Instituto Mamirauá e no Ibama sobre os trabalhos desenvolvidos na região.
- 😊 Formar grupos de amigos das tartarugas e trocar idéias sobre a preservação.
- 😊 Apoiar os trabalhos de fiscalização comunitária nas praias preservadas.
- 😊 Conversar com pessoas que participam das atividades de preservação: Pedro Tito, setor Ingá; Expedito Felício, setor Horizonte; Mateus Guedes e Eliezeu Samuel, setor Aranapu/Barroso; Antônio Carvalho e Paulo Barbosa, setor Jarauá; e juntar-se a estes ou a outros grupos de preservação de quelônios na Reserva Mamirauá ou nas comunidades da região do médio Solimões e do Rio Madeira.

Assim, quem sabe, no futuro, nossos filhos e netos verão o que Henry Bates viu.

PESCADORES DO MAMIRAUÁ ENSINAM GUYANESES A CONTAR PIRARUCUS

Na Guyana, a pesca do pirarucu, apesar de ser proibida, continua ocorrendo. Pescadores atendidos pelo Programa Iwokrama, preocupados com a diminuição da quantidade da espécie em seus lagos, solicitaram apoio do Instituto Mamirauá (Núcleo de Pesca) para contar os pirarucus de lá e também fazer recomendações de manejo.

No período de março a abril, quatro pescadores da comunidade do Jarauá, da Reserva Mamirauá: Manoel Lopes, Francisco Marinho, Raimundo Cordeiro e Jorge de Souza, acompanhados do pesquisador Leandro Castello, estiveram em North Rupununi District e ensinaram 11 pescadores guyaneses a contar pirarucus. Depois de aprenderem as técnicas, junto com o pessoal do Mamirauá, eles contaram 425 pirarucus, em 150 lagos de 13 comunidades onde atua o Programa Iwokrama. Os pescadores locais ficaram impressionados com a quantidade encontrada e comentaram: "a gente sabia que havia poucos pirarucus, mas não esperávamos que fosse só isso".

**"a gente sabia
que havia poucos
pirarucus, mas
não esperávamos
que fosse só isso".**

As principais recomendações da equipe do Mamirauá aos pescadores e ao governo da Guyana foram:

1. O Governo pode legalizar a pesca, determinando o tamanho mínimo dos pirarucus a serem pescados (1,50 m) e o período de defeso (proteção dos animais na época da reprodução);
2. As comunidades se responsabilizam pela produtividade dos peixes nos lagos;
3. Contar os pirarucus de todos os lagos, todos os anos, para depois decidir quantos irão ser pescados.

Foto: Leandro Castello



Pescadores Guyaneses treinados juntos com o pessoal do Mamirauá

Você viu um boto marcado? Informe a um dos membros do Instituto Mamirauá: onde, quando e como era essa marca que você viu. A equipe do Projeto Boto agradece.

